

O HERALDO

AVENÇA

BI-SEMANARIO REPUBLICANO DEMOCRATICO

DIRETORES E PROPRIETARIOS:—LYSTER FRANCO E JOÃO PEDRO DE SOUSA

Administrador, — J. P. Sousa — Editor, — L. Franco

Publica-se ás quartas e sábados

Redacção, administração, composição e impressão

Tipografia Democrática, Rua 1.º de Dezembro — FARO

ASSINATURAS:—Trimestre 50 centavos — COMUNICADOS E ANUNCIOS:—
Cada linha 2 centavos. Para a 1.ª e 2.ª pagina contrato especial.
Publicam-se todas as informações de interesse geral.

POLITICA NACIONAL

Oposição desorientada

Ninguém ignora que a divisão do antigo Partido Republicano Portuguez, prematuramente realisaada devido ás inofridas ambições dos marechais políticos e em especial dos despeitos do sr. Antonio José de Almeida e da sua grei, muito contribuíram para crear a atmosfera de desconfiança e receio em que na actualidade se debate a politica portugueza.

Não ha duvida que, feita a Republica estava gloriosamente terminada a missão historica do velho Partido Republicano Portuguez e era logico e razoavel que do seu ultimo congresso saíssem os partidos políticos do novo regimem, chefiados pelos tribunos mais notaveis da democracia portugueza.

Não succedeu, porém, assim.

O que devia fazer-se á luz do sol—á clara luz do sol, amigo dos heróes—o que devia ser organizado ás claras e á vista de todo o paiz, arquetipou-se ás occultas e ás occultas se realisoou, revestindo todos os risíveis aspectos das desidenças dos partidos do antigo regimem.

Estimulados pelo seu natural inquietismo, cegos pela sua desmedida vaidade, os antigos tribunos do Povo, aqueles que haviam pregado todo um regimem de paz e de concordia, de ordem e de trabalho, evidenciando tendencias para arrumar para um segundo plano os enredos fantasiosos da politica, foram os primeiros a paten-tear, perante o indiferentismo do paiz, o estendal das suas vaidades, o espetáculo miserando das suas ambições.

Nem todos, porem, assim procederam. Muitos ficaram onde sempre tinham estado e entre eles é justo destacar o illustre estadista dr. Afonso Costa, gloria incontestavel da grande Patria Portugueza e a mais legitima esperança da Republica.

Com os seus amigos, com os seus camaradas e correligionarios, ele, o estadista insigne que todos respeitam e admiram, permaneceu, valoroso e forte, junto da gloriosa bandeira do antigo Partido Republicano Portuguez, defendendo-a não só contra as investidas dos inimigos da Patria e da Republica mas também contra o desvaivamento daqueles, que, olvidando o papel predominante que tinham representado na propaganda democratica, preferiram deixar os seus velhos companheiros de lutas e de trabalhos só para engrossarem os seus grupos á custa das antigas clientelas monarchicas.

Foi dura a peleja travada, mas da luta saiu vitorioso o Partido Republicano Portuguez que, dia a dia, vê crescer a intrepida falange dos seus valentes e aguerridos proscritos, todos impulsionados para o mesmo fim: consolidar a Republica e garantir as prosperidades da Patria.

A contrastar com tão patriótica attitude, que profundamente honra

a Republica e o Partido Republicano Portuguez, temos a orientação acentuadamente egoista do evolucionismo, cujos dirigentes, sedentos do poder e do mando, não recuam perante o emprego de todos os meios, ainda os mais condenáveis e indignos, para o conseguimento dos seus fins.

Mas é tal a sua impericia e tão falhos de logica e de coerencia são os seus propositos que, apesar das suas pretenciosas *boulades* jornalisticas, em que o sr. dr. Alfredo Pimenta, em estilo reclamo gabões de Aveiro, todos os dias apregoa os beneficios da seita, e da oratoria tróvejante e desordenada do popular deputado Celorico Gil, dia a dia parece distanciar-se mais da opinião publica.

O que ha dias succedeu no parlamento, o incorretissimo procedimento da opposição evolucionista perante a attitude correcta dos deputados governamentais, dá bem a prova do que é e do que vale esse cisma republicano chamado evolucionismo, cujo programa oportunista o sr. Antonio José de Almeida vagamente delineou durante as melhoras de uma crise reumatica.

Em vez de, numa discussão ampla, sobre os assuntos importantissimos que ha a resolver para esconjurar a gravidade dos encargos deixados pela monarchia, procurar bem servir o paiz, a opposição evolucionista entretem-se a fazer obstruccionismo, a partir carteiros e arvorando como cabecilha da arruaça e da desordem o deputado Celorico Gil, cuja oratoria pitoresca e suggestiva todos nós conhecemos. Como se tudo isto ainda não bastasse, a opposição, num acesso de lirismo capaz de meter num chinelo todos os gatos enjaneirados, vae para o Parlamento e pretende abafar os trabalhos, cantando, ou antes berrando a Portugueza.

Serviu de pretexto a tão furiosa luta o projeto apresentado pelo sr. dr. Brito Camacho, ácerca dos melhoramentos solicitados pela camada Portimão.

Como se vê, o pretexto era futil e insignificancioso e só serviu para evidenciar que, cada dia vão tendo mais razão de ser as palavras, que junto de um amigo eu proferia ao saber que tinha sido proclamada a Republica Portugueza: Mal empregada Republica em semelhante gente!

LYSTER FRANCO.

CANCIONEIRO DO POVO

Fiquei cegatubo, sem vista,
Sómente ao olhar para ti;
Vê que fizeram teus olhos,
De tanto que meles li...

A filha da hera verde,
E' verde da cor do mar.
O verde é' or da esperança,
Da esperança do teu olhar.

A graça que tem teus olhos,
E' graça mas sem igual,
E' graça que faz desgraça,
E' graça que só faz mal.

NOTAS E COMENTARIOS

O Hospital de Faro

Agonisa, debatendo-se numa situação financeira extremamente desesperada, o Hospital desta cidade.

Nestes ultimos anos tem deminuido sensivelmente os seus rendimentos e escaçado as esmolas que constituíam a parte mais importante da sua receita.

A cobrança de fóros, que era um dos seus principais recursos, está também muito reduzida, visto que a maioria dos foreiros, por manifesta má vontade á Republica, simula que esta acabou com taes encargos, e não paga os respectivos fóros.

Dada a carestia de todos os generos em que nos debatemos é inevitavel que dentro em pouco o Hospital feche as suas portas por falta de recursos, o que, a dar-se, consitue a perda dum importantissimo beneficio para a indigencia cittadina e uma vergonha para todos nós.

Bom seria que os poderes publicos e a cidade numa ação conjunta se occupassem em melhorar um tal estado de coisas.

O *Heraldo*, sempre pronto a secundar todas as iniciativas respeitantes aos interesses geraes, recomenda aos seus leitores que se interessem pela vida do Hospital de Faro e pedem-lhes que o socorram com o seu obulo.

Registando

Recomamos do *Algarve*, no seu artigo ácerca da posse e mais passes da nova comissão municipal, esta interessante passagem que, por todos os motivos se nos afigura digna de especial registro.

«O sr. Monteiro de Barros, depois de varias considerações, pediu á camara que consilte o seu advogado sobre se, sendo ele autor num processo contra a camara, poderá ou não funcionar como vereador.

O sr. presidente responde que não ha na lei nada que se oponha a que o sr. Barros seja vereador.

O sr. dr. Feliciano Santos, administrador do concelho, felicita os srs. presidente e vice-presidente pela sua eleição e sobre o pedido do sr. Monteiro de Barros declara que já estudou o assunto bem e por isso pode garantir que nada ha na lei que impeça a estada deste cavalheiro na camara.

Um Enigma

Por que será que o alcorão evolucionista, vulgo *Republica*, referindo-se elogiosamente aos deputados da sua facção politica, que mais se distinguem no parlamento, não menciona entre os seus nomes o do nosso glorioso e inconfundivel deputado Celorico Gil?

Sempre ha causa ingratição!

Estupidez

Um jornal de Braga conta aos seus leitores um caso *miraculoso* sucedido ha pouco em Mirandela.

Traia-se de um tal Manuel Calado, empregado dos caminhos de Ferro, que não sympathizando com santos, apoz uma discussão com os amigos, teve a ideia de rasgar e de quebrar todos quantos tinha em casa.

Se bem o pensou melhor o fez, destruindo varias imagens.

Mas—começa agora a intrujisse—is que no melhor da festa o Calado é acometido por umas grandes dores, que o prostam e o matam depois de o privarem da fala e do movimento por mais de quatro horas.

Eis como referido jornal dramatiza o caso:

«Depois de morto, a boca chegava-lhe de orelha a orelha, os olhos saltaram-lhe para fóra das orbitas, pareciam duas cerejas de penduradas e ficou negro como péz; parecia a figura do diabo ou peuz ainda.

Ninguém podia olhar para ele. Ninguém o acompanhou á sepultura, apenas foi levado por uns soldados da guarda republicana.»

Ora não seria preferivel que em vez deste caso *miraculoso*, o jornal que o divulgou essa npsse a certidão de obito do tal Manuel Calado?

Era, certamente, mais pratico, mais simples, muito embora fosse muito mais prosaico.

Abandonando o partido

Por não concordar com a attitude anti-patriótica, desordeira e turbulenta da opo-

sição evolucionista, vae abandonar o mesmo partido o deputado sr. José Perdigão.

Espera-se que muitos outros lhe sigam o exemplo, ficando apenas o sr. Celorico Gil e uns quantos com o sr. dr. Antonio José de Almeida.

O gesto do deputado José Perdigão honra-o sobremaneira e confirma por completo os nossos juizos ácerca de evolucionistas e... evolucionistas.

Pessimismo

Clamam os reaccionarios que a nova comissão municipal, que dizem ter saído dos rerortas da farmacia do nosso dedicado correligionario sr. Paula, não passa de uma *vistosa coleção de jarras* incapaz de qualquer iniciativa.

Já é vontade de dizer mal, desacreditando ao mesmo tempo os produtos de cada um!

A velhota

Nunca perde o ensejo de ser amavel para com a Republica e para com os homens que a servem, a incoafundivel e rabujenta Nação.

Ha poucos dias afirmou num eco que, se não fosse a ignorancia do Povo, nunca a Republica se teria implantado em Portugal e que para prova basta confrontar o limitadissimo numero de homens ilustrados que possui o partido republicano.

E' claro que, perante esta esdruxula afirmativa da Nação os evolucionistas e os unionistas protestam pela certa.

Nós, os democraticos, não protestamos. Nem vale a pena. Visto que, para os reaccionarios somos a *canalha*, e-tamos naturalmente dispensados de ter no nosso partido grandes sumidades intelectuaes...

Explorações no Mar Vermelho

Organizou-se em Londres um sindicato de capitalistas ingleses e alemães, com o fim de auxiliar um oficial da marinha ingleza, que se propõe explorar o fundo do mar Vermelho, a fim de recolher os muitos tesouros que ali devem existir.

As riquezas da India, antes de Vasco da Gama dobrar o Cabo de Boa Esperança, eram transportadas como é sabido pelo mar Vermelho a Suez, donde passavam para a Europa. A profundidade deste mar é pequena, mas os antigos consideravam a sua navegação como perigosa e foiam muitos os naufragios que ali se deram.

Segundo a opinião do oficial que vae tentar esta empresa, existem no fundo daquele mar varios navios carregados de ouro, prata e pedras preciosas.

Os bons portuguezes

Comemorando a data de 5 de outubro de 1912, aniversario da Republica, os portuguezes domiciliados em Porto Alegre (Brazil) subscreeveram com 4.860.000 réis fracos, para auxiliar o pagamento da nossa divida externa. Essa quantia já teve o devido destino.

A idade e o cecso fragil

Ensina a cortezia dos salões que se não pergunte a uma senhora a idade verdadeira. E' de praxe que qualquer dama tenha a idade que aparenta ter.

A justiça, apesar de frequentemente representada com as formas femininas, não se importa porem, com as leis da boa delicadeza. Quer a idade certa, e não está com atenções de especie alguma. Pelo menos assim o mostrou um magistrado austriaco.

Em Viena, uma tal sr.ª Dorack, cozinheira, pretendia casar-se em terceiras nucias e entre os papeis que apresentou ao vigario havia uma certidão de idade alterada para melhor. A viuva noiva tinha 61 anos de idade. Mudando a data do nascimento, apresentava-se ao futuro com a bagatela de 20 anos de menos no passado.

Descoberta a marosca, a sr.ª Dorack foi processada por crime de falsificação de documentos publicos e condenada a alguns florins de multa. O peor é que o noivo, pouco satisfeito com a *galanteria da joven noiva*, desfez o casamento.

O *Heraldo*, bi-semanario democratico, é actualmente o jornal mais estimado do Povo, mais lido, e de maior circulação em toda a provincia do Algarve.

DEMOLINDO

O alcoolismo

O problema científico do alcoolismo tem sido tratado sob diferentes aspectos, cada qual mais interessante. Ele assume, entretanto, uma importancia verdadeiramente capital quando encarado sob o ponto de vista social.

A. degradação do homem, que perde o habito do trabalho e afoga no vinho sua inteligencia e sua força, que sacrifica o lar á taverna; o abandono da familia, a destruição dos laços conjugaes, a immoralidade, o mau exemplo dado aos filhos, o embrutecimento, a molestia, a miseria, todas as calamidades, em suma, domesticas e publicas, têm sido indicadas e estudadas á luz da ciencia, como consequencias directas ou indirectas do alcoolismo crónico.

Este seculo, tão curioso por suas extraordinarias antiteses, devia, em sua agonia, reservar-nos mais esta surpresa—duma profunda convulsão moral dos povos mais civilizados determinada pela generalisação do uso e pelo abuso dum simples agente quimico de intoxicação organica—o alcool.

A proposito deste assunto de tamanha actualidade, e que começa a tornar-se interessante mesmo para nós, traduzimos dum jornal europeu o seguinte artigo, que trata o problema sob essa nova face. Seu titulo é—*o seculo do alcool*, e seu autor J. Cornely.

«Ha 17 anos Carmaux era, diz Cornely, um verdadeiro Eden mineiro. O operario ali era sobrio, economico e occupava-se com a cultura do seu pequeno jardim, quando não se consagrava ao trabalho da mina.

Hoje, ha em Carmaux para 9.000 habitantes 151 tascas servidas quasi todas por mulheres, rebotalho de cervejarias de Toulouse...

Estou persuadido, e nenhum fisiologista poderá contestar-me, que o utopismo moderno é filho do alcool: é o produto da estupidez e da perversidade humana, casadas numa alcova imunda, que se chama a taverna.

Não posso entrar, para comprar um charuto ou uma caixa de foforos, numa destas casas, sem saudar com olhos de raiva e de terror a prateleira, em que se alinham as garrafas de rotulos coloridos, sem dizer comigo mesmo: Ei-lo, o deposito dos venenos; ei-lo, o laboratorio infame em que se elaboram as revolucões e donde saem a esterilidade, o raquitismo e a loucura!

E quando percorro os bolevares, á hora do jantar, e os vejo guarnecidos de copos de absinto, tenho impetos de mergulhar nesse liquido repugnante a ponta de minha bengala, para evitar que pobres diabos bebam um toxico que lhes vae deteriorar todo o sistema nervoso!

O alcool, todos o sabem, tomado em dose excessiva, conduz á loucura furiosa, em dose maxima desenvolve no homem a maldade, os instintos perversos, a animalidade, em uma palavra. Conduz á miseria o trabalhador, desviando-o da officina e absorvendo o salario que faz viver a mulher e os filhos. Aqui está um operario, arruinado pelas despesas do boteco, pervertido pelo alcool, que lhe macera o cerebro, expulso do lar pela miseria que nele faz reinar, descontente de si proprio e dos outros: é impossivel que não preste ouvidos aos terroristas do roubo; ha de tornar-se infalivelmente utopista; e antes de ser um alienado para a medicina, será um louco para a sociedade.

Ora, é em dose maxima que o operario, o celebre «quarto estado», consome o alcool.

Vejamus a estatistica: hoje a população franceza absorve 1.669.164 hectolitros de alcool ou quatro litros e 0,40 por habitante e por ano. Deduzindo as mulheres, as crianças e a população civilisada, resta o operario trabalhando em comum nas officinas. Ele absorve largamente a parte dos outros. Vistai um paiz industrial e mineiro do norte: encontrareis uma taverna para cada tres casas. Vistae os quarteirões industriaes de Paris: as casas de vendedores de bebidas ali se tocam. Não é por quatro litros 0,40, nem por treze litros, é talvez por cem litros que se

deve calcular nessas zonas especiaes o consumo individual e animal do elixir da esterilidade, do raquitismo, da loucura e da morte. Diante de semelhante flagelo, qual seria o dever do governo? Restringir por todos os meios possiveis o consumo do alcool; e não seria, certamente, um meio enifcaz o que consiste em embaraçar a abertura das tavernas.

Em 1869 havia em França 365.875 tavernas; ha atualmente 447.000. E os taverneiros têm se tornado «pessoas sagradas» porque engrossam as fileiras do sufragio universal, o qual, em cada ocasião dada, retempera-se e batiza-se com alcool. Eis a explicação natural e científica duma parte dos nossos males. Eis a chave da questão social. Somos tentados a dizer: Não ha questão social, o que ha é uma questão de alcool.

«O quarto estado», que se queixa, é um tonel das Danaides. Todos os milhões que nele se derramarem escarpão pelas fendas das tascas, cujo numero cresce sempre inversamente com o progresso da moralidade publica e com a saúde das populações. S. Paulo, creio eu, disse: «Plus occidit Sula quam gladius», e seu seculo não conhecia o alcool.

Hoje que a dinamite nos atormenta o espirito, a guerra afigura-se-nos um flagelo terrivel. Pois bem, se Ravachol tivesse feito saltar a metade das casas de Paris, se um povo desse o sinal duma guerra universal, nem Ravachol nem esse povo causariam a nossa raça os desastres reaes que lhes inflige o liquido falsificado que cae como uma torrente sobre a geração atual.

Tem-se procurado dar ao nosso seculo nomes pretenciosos: Poderíamos chamalo simplesmente o «seculo do alcool», e este rotulo explicaria dante-mão os cataclismos de toda a especie em que ele poderá vir acabar.

A cidade do Rio de Janeiro possuia em 1886, 1.353 vendas, e 400.000 habitantes. Deduzindo destes as mulheres, as crianças e a parte cultivada da população conclue-se que ha, nesta grande cidade cerca de 1 venda para 7 ou 10 habitantes da classe que as frequenta, e isto sem contar os cafés, os botequins, os hotéis e os kiosques, em que tanto alcool se consome.

A nossa capital, que já é um centro industrial consideravel, oferece, por consequencia, ao utopismo um terreno bem preparado para receber a rum planta europeia que se tenta importar.

Gall.

MAIS NOTAS E COMENTARIOS

Nos

Nos, costuma dizer-se vulgarmente, que é coisa atada.

Aqui, porem, não se trata de coisas atadas, antes pelo contrario. Este pequenissimo exordio vem a proposito da verdadeira avalanche de perguntas que de todos os pontos do distrito nos tem sido feitas pelas comissões executivas dos centros democraticos e por muitos dos nossos mais dedicados correligionarios, acerca da idoneidade politica da nova comissão municipal.

Não nos cabendo responsabilidade alguma na organização da referida comissão municipal, absteimo-nos, por enquanto, de quaesquer referencias ao assunto.

Re-ta, pois, aos nossos correligionarios apreciar como entenderem os novos comissionados, visto que nós, nos julgamos incompetentes para criticar quem, como eles, ainda não aqueceu o logar.

Uma carta

A proposito da troca de nomes dos novos comissionados municipais de Faro, feita pelo *Diario do Governo*, que crismos os srs. Manuel Rodrigues Corvo e o sr. Antonio Martins Paula, respetivamente em Manuel Rodrigues Couto e Antonio Martins Ponta, escreve-nos um praxista uma longa epistola tendente a provar que aqueles srs. não deviam tomar posse antes de feita a competente retificação dos seus nomes na folha oficial.

Pedacinho de ouro

«Na galeria historica portugueza, entre as suas mais lidimas e refulgentes glorias, sobressae a figura de Santo Antonio, nascido em Lisboa, sepultado em Padua, que com a magia da sua palavra andou por Africa ás lançadas, catequisando berberes e chamando á civilização muitos negros da moirama.»

Este pedacinho de ouro não é da Nação, é de um editorial do *Intransigente*.

Uma oferta

A poetica alemã, Hahn-Hahn, (que lindo nome!) ofereceu ha dias á catedral de Moguacia uma reliquia muito interessante: o crucifixo que Maria Stuart levava nas mãos quando subiu ao cadafalso.

A reliquia é autentica, e vê-se nela gravada, a seguinte data: 18 de fevereiro de 1587.

Não é verdade

Apressamo-nos a desmentir o boato insidiosamente espalhado pelos reacionarios e pseudo-republicanos, no qual se atribue ao digno governador civil deste distrito a intenção de convidar, para fazerem parte da nova comissão distrital, os srs. padre Bernardino, cônego Silva e o sr. ex-capelão da Palmela.

Muito embora não fosse para desprezar o valioso concurso que taes elementos trariam ao democratismo cittadino, devemos acentuar que taes boatos carecem de confirmação.

Corrija

Uma gazeta oposicionista entendeu que devia chamar *moralidade democratica*, ao gesto do sr. governador civil deste distrito, nomeando official do Registo Civil no concelho de Albufeira, o *nosso correligionario* sr. João Pereira Barbosa, atual administrador do mesmo concelho e, no dizer da referida gazeta, *um dos muitos amigos que o sr. dr. Adelino Furtado importou para esta provincia*.

Escusado será dizer que o Partido Democratico do Algarve nada tem com certas manigancias que para ahi se tem ultimamente praticado.

Chame-se pois, ao tal gesto, do sr. governador civil *moralidade adelmatica*, se critica merece, e ficará certo.

Lá por fóra

Vae sem comentarios. . .

Entre os cafres, no sul da Africa, o preço duma mulher varia de 5 a 30 vacas. Os damaras são mais parcos: uma vaca já se considera paga equivalente, e, em algumas tribus, uma mulher compra-se por um novilho.

O mercado mais barateiro parece ser o de Uganda, onde um pae chegou a oferecer a filha a um viajante, a troco dum par de botas.

Na tropa

Madame Dieulafoz, que pelo visto nada tem que fazer, entretem-se a propagar em França a ideias de que as mulheres tambem devem ser aproveitadas nos serviços militares.

Pois sim, que o sejam, ou antes, que o continuem a ser, mas aquelas que tem queda para taes serviços.

As sufragistas loglezas

Estas endiabradas senhoras lembraram-se de reivindicar para o seu partido a heroína e grande patriota franceza, Joana de Arc, que, segundo elas, foi apenas uma brilhante precursora do fememismo.

Se as sufragistas inglezas assim continuam a engrossar o seu partido á custa da historia, qualquer dia são capazes de nos levarem, tambem como suas precursoras, a *Guomar da cuilada*, a pedreira de Aljubarrota, D. Filipa de Vilhena e outras celebridades cujos nomes nos não ocorrem,

POETAS

DO LIVRO DOS AMORES

Hei-de dizer-te um dia, ó minha amada
Uns loucos sonhos, uns prizeres secretos,
Mas luminosos que os cabelos pretos
Da tua trança longa e perfumada.

Hei-de dizer-te a fé abençoada
Que me inspiram teus olhos inquietos,
O meu amor e sonhos prediletos,
Vagos como os heroes duma balada.

Se ao derramar, no calix transparente
Do teu pensar, a gola bulhosa
De sensual meiguice, de repente

Á face te subir a côr da rosa...
Hei-de abrir-te a minh'alma loucamente
E rojar-me a teus pés, mulher formosa!

MARCELINO MESQUITA.

A graça alheia

RAZÃO PODEROSA

Um pretendente pede a um amigo para o recomendar a um alto e poderoso funcionario.

—Tens alguns documentos?

—Não tenho; mas, ha uma circunstancia que vale mais do que isso. Tu conheces minha mulher, não é verdade? pois bem! se eu não ando tão adeantado, ele casava com ela. Imagina se tenho ou não direito á sua gratidão!

VERIDICO

O grande Condé, aborrecido de ouvir uma das pessoas que o redejavam, falando constantemente no *senhor seu pae* e na *senhora sua mãe*, voliou-se para um dos seus criados e disse-lhe:

—Senhor meu laçoi: vá dizer ao senhor meu cocheiro, que ponha os senhores meus cavalos á senhora minha caruagem!

LOGICA ILOGICA

Calino propõe-se a duelo.

As suas testemunhas consultam-o sobre a escolha das armas.

—Meu caro amigo, diz uma delas, visto não queres a pistola, o combate será á espada.

Calino, depois de refletir um momento: —A quantos passos?

PROSAPIAS

Dois sacerdotes gabam as alfaias das respetivas catedraes. Um deles, querendo mostrar a superioridade das suas, diz:

—Enfim, nós possuímos um crucifixo de prata, fabricado no dia immediato da morte de Nosso Senhor; portanto, em crucifixos somos superiores.

—Está equivocado, respondeu o outro; porque nós possuímos um, que datá do seculo quarto, antes de Jesus Christo.

CONTOS E NOVELAS

A um amigo.

A PROPOSITO DE UM SUICIDIO

Meu caro:

Vejo que muito te surpreendeu e contristou o desgraçado fim do nosso querido amigo, o infeliz Augusto.

Compreendi bem o teu desgosto. Ninguém, melhor do que eu pode compreendê-lo.

Conhecendo-o ha muito, privando com ele em plena intimidade, habituara-te a julgalo um espirito filosofico, um carater dotado de grande fleugma, nada impulsivo, e como tal preservado por temperamento de qualquer aio menos ponderado.

Tambem sempre assim o julguei e, como tu, acabo de passar pela mais cabal desilusão e os factos, impondo a sua cruel realidade, vieram evidenciar toda a latitude deste nosso engano.

Apezar de todo o seu amôr ao estudo, apezar de toda a sua misantropia, Augusto, que parecia fugir do convívio dos homens e comprazer o seu espirito na remançosa solidão do seu gabinete de trabalho, era um *impressionavel*, um *contemplativo*, que tanto se deleitava olhando para uma flor ou para um horizonte incendiado pelos esplendores do poente, como para uma linda mulher.

Creio mesmo que, apezar do seu celibato, intransigentemente mantido numa constante hostilidade contra as mais vantajosas alianças que se lhe depararam, Augusto era um amoroso nato, um espirito pronto a impressionar-se, senão perante qualquer tipo de mulher, pelo menos um idealista, desejoso de encontrar na realidade o tipo fememil creado pela sua fantasia.

Qual seria esse tipo?

Ninguém pode dizê-lo ao certo; todavia a tua boa memoria deve dizer-te, como a minha me diz que, quando a conversação versava sobre o belo secco, ele falava sempre com grande enthusiasmo acerca da beleza loura, dos tipos *boneca*, das cutis rosadas e brancas e dos cabelos côr de ouro. . .

Lembras-te, não é verdade?

Quiz o acaso que para defronte da casa de Augusto viesse morar uma familia respeitavel a que pertencia uma creança loura, uma interessante menina, que em si reunia todos os encantos que tantas vezes ouvimos encarecer ao infeliz Augusto.

Consta-me que, desde então, passava horas e horas, olhando a janela fronteira na ancia de ver a sedutora creança.

Ela, que podia ser neta de Augusto, nem dava pela adoração de que era alvo. Passaram-se assim alguns anos. A linda joven cresceu.

A visinhança de muitos anos concedera a Augusto o vulgar privilegio de poder saudar Maria, era este o nome da joven, dar-lhe os bons dias as boas tardes e as boas noites.

E eram então grandes extasis, demoradas contemplações em que parecia devora-la com a vista.

Como o Fausto da lenda, invejou a mocidade longinqua, lamentando o peso dos anos.

Se fosse novo iria pedi-la em casamento, poderia ser feliz com ela, e rodeal-a de uma atmosfera de amor e de ternura.

Assim, velho . . . tão velho. . .

Apezar de tudo, cedendo a um poder mais forte do que a sua vontade, chegou a ficarla com as mais insistencia e, uma noite, teve o indisivel prazer de ver o vulto aroso de Maria emoldurado pela janela.

O coração bateu-lhe mais fortemente. Estaria ella ali por causa dele?—Amava-o, talvez! . . .

Depois de tantos anos ia enfim poder declarar o seu amôr á genil menina.

Infelizmente, pouco tempo lhe durou a ilusão.

Dali a instantes, o vulto de Maria, debruçou-se ligeiramente e aos ouvidos de Augusto chegou o começo de um dialogo de amor, ingenuo e simples.

Maria falava ao namorado.

Augusto fechou a janela, endoidado pelo mais cruceante e desesperado sofrimento. Dessa noite em diante não mais conciliou o sono, nunca mais trabalhou e a sua vida foi desde então um suplicio sem nome.

Tornou-se irritavel, reservado e não raras vezes o encontrei palido, afrito, como que oppresso por tenebrosos pensamentos.

Maria casou no ultimo sabado.

Pois, enquanto que, em casa dela a boda era celebrada com todo o esplendor, Augusto, o nosso infeliz amigo, metia uma bala na cabeça.

Seria o casamento de Maria que o levou a tal extremo? Seria o desfazer do seu sonho que assim o precipitou em tal loucura?

E' quasi certo, é muito possivel; tudo é possivel neste mundo subllunar.

A verdade positiva, concreta, essa, jamais a sabéremos, porque Augusto, sem duvida para fugir á banalidade de todos

os suicidas não se occupou em dar-nos a razão da sua morte.

Enfim, como amigos que fomos de um tão nobre carater, daquele infeliz incompreendido, lamentemos a perda do seu convívio mas alegemo-nos perante a libertação daquelle e-spirito que pediu á morte o refrigerio para o grande tormento que o aniquitava. . .

Lyster Franco.

Instantaneos

Um protesto

Entre a innumera correspondencia diariamente endereçada ao *Heraldo*, vem a seguinte carta que muito gostosamente publicamos:

Cidadão redator:

Consinta que um cantinho do seu bem conceituado bi-semanario democratico, que é, sem duvida, atualmente, o jornal mais estimado do Povo, mais lido e de maior circulação em toda a provincia do Algarve, eu diga da minha justiça.

Apezar de não ser Pedro, em son tambem João, tal qual succede a um dos directores do simpatico *Heraldo*.

En o sou João pur excellencia; sou aquele sujeito que V. está acostumado a ver quasi em pelote, com uma pele de ovelha á roda da cintura, á laia de tanga e um cordeirinho ás costas.

Chamam-me João, como já disse, e puzeram-me a aleninha de Batista.

Nos bons tempos da minha mocidade andei pelas Arabias a papar gafanhotos e fiz outras proezas em virtude das quaes fui nomeado santo, tempos depois de Salomé, a danada filha de Heródiada e de Herodes Filipe, ter tido a má ideia de pedir ao pae que me fizesse degolar, sob o pretexto de que a tinha mandado pentear macacos.

Devo dizer-lhe que exerceo o logar de santo muito humilada e dignamente, ha muita infundade de tempo e sem que, contra a minha santificada pessoa tenham aparecido quaesquer reclamações.

A minha festa, o meu dia, vulgarmente chamado de *S. João*, era em 24 do corrente.

Mercê das minhas antipatias pelo rei Herodes, contra o qual escrevi alguns *sultos* num jornal avançado, que então se publicava e Jerusalem, —jornal que era meus mal feito mas não tão querido do Povo como o *Heraldo*, —nunca fui muito simpatico á gente granda, vulgo talassaria, o que na verdade nada me ralava visto que tinha por mim toda a simpatia popular, tão grande e tão arreigada que

Té os moiros na moirana
Festejem o S. João. . .

Veio a Republica e foram extintos os logares de Santo, afim de beneficiar o tesouro publico aliviando-o de tão pesado encargo; mas em nada, absolutamente nada, me ralei, visto que o meu dia continuou a ser muito festejado em toda a parte.

Traunquilo vivi a tal respeito, até que ha pouco recebi por intermedio duma oração do Papa, (que por sinal, e isto aqui para nós, tresandava a alcaguitas), em que S. Santidade me pedia mil desculpas por ter, sem previa consulta á minha santificada pessoa, mudado para o domingo ultimo o dia da minha festa.

Escusado será dizer, que fiquei tão arreliado com a tal transferencia que mandei logar o Papa para o Diabo e resolvi escrever esta carta ao *Heraldo*, em sinal de protesto contra semelhante atentado á minha grande popularidade.

Ainda se an meos, tivesse sido prevenido a tempo, convulvária, á laia de ator que faz beneficio, os meus amigos e admiradores para assistirem á minha festa do tal domingo, Assim, tão de surpresa me chegou a noticia que nem tive tempo de mandar concertar os meus sapatos de pulimento para comparecer á festa.

Em vista do inqualificavel procedimento havido para comigo por parte de Papa, e caso ele não reconsiderar, emendando o disparate que faz, estou resolvido a resignar o meu cargo de santo e a inscrever-me como socio do Centro Democratico de Faro.

E, para logo de entrada conquistar as boas graças do vosso Afonso Costa, mais lhe participo que, de sociedade e companhia com varios outros santos hemaventurados estou disposto a fundar um jornal em Faro, o qual será, retintamente democratico, e para o qual espero conquistar as simpatias geraes. Que lhe parece?

Agradecendo a publicação desta carta, termino desejando-lhe

Saude e fraternidade

Ex-reino dos ceos, 19 de Junho de 1913.

São João, por alcunha o Batista.

Falta de espaço

Por absoluta falta de espaço fomos obrigados a retirar muitos artigos já composto para este numero.

ALVIÇARAS

Dão-se a quem entregar no largo do Caminho de Ferro, n.º 25 em Faro, uma trança de cabelo que se perdeu desde a Avenida da Republica até á Rua de Santo Antonio.

Quarteira

A promessa constiue divida. Aqui me tem, pois, disposto a saldar a que contrai.

Vou falar, ou antes, escrever, visto que o silencio, se em certos casos é de ouro, noutros pode ser tomado como covardia.

Galar para não levantar atrilos ainda se admite, mas para não ferir conveniencias partidulares, sem respeito pelo mais precioso tesouro de todos nós, pela nossa saúde, seria imitar a mudez dos palmipedes.

Ha ainda aqui muita gente que deve racorilar-se do estado calamitoso em que se encontrava Quarteira acerca de quarenta anos.

Foi então que o acaso, amerciaando-se deste laborioso povo, lhe deparou o saudoso extinto, que se chamou Casimiro de Ascenção de Sousa Menezes, engenheiro civil distinctissimo, que, tendo casado com uma illustre senhora da cidade de Faro, para aqui veio administrar o *Morgado de Quarteira*, no terreno do qual assenta esta povoação.

Este benemerito cidadão iniciou e realizou tão importantes trabalhos do saneamento, que este pivi ser ingratisimo se esquecesse a sua lembrança.

A sua iniciativa se deve o desameramento do pantano que tanto prejudicava esta povoação, e que hoje ali vemos transformado num fertilissimo terreno.

Mantivo o benemerito abrir muitas sargentas e uma importante vala ou culeter, que recebe as aguas das ditas sargentas e vae despejar-la no rio de Quarteira a algumas centenas de metros da povoação, correndo paralelamente entre os molins da praia e os terrenos cultos. De lesta para oeste, vala de esgoto que todos os anos era limpa, uma vez e alguns annos duas vezes.

Succede, porém, que não se tendo procedido, ha mais de 10 anos, á limpeza das valas mandadas abrir pelo saudoso extinto, e muito principalmente a da vala principal, arbanilo-se esta completamente estúpida pelas bancas de areia que a inertia e o desleixo ali tem deixado acumular, a extravação das agnas para o mar tende a tornar o aludido terreno, outrora pantanoso, ao seu primitivo estado, e que representa um grande perigo para a saúde publica nesta quaetra do calor que vamos atravessando.

Bem será que as autoridades competentes procedam de forma a exterminar esse e outros focos de infecção que põem em risco a saubridade da povoação.

O gatinho ou gatinhos que na madrugada de 10 tentaram arrombar a porta do estabelecimento da sr.ª Maria Amem e que foram presentidos ao executarem o decimo primeiro furo, devem a estas horas estar finos por não terem conseguido chegar ao cofre daquela senhora, que por esquecimento havia ficado aberto.

Na administração do concelho foi apresentado queixa contra os meliantes.

S. Braz de Alportel

Afim de tomar posse da vereação municipal deste concelho, esteve em Faro, o nosso correligionario amigo e presidente do Centro Republicano Democratico *Dr. Afonso Costa*, cidadão Antonio de Sousa Dias, acompanhado de muitos dos nossos correligionarios q e, satisfeitos p a escolha feita pelo illustre Governador Civil, foram espontaneamente demonstrar a S. Ex.ª a sua gratidão.

Acompanharam o nosso presidente os nossos correligionarios, Manuel Viegas Valagão Senhor, Antonio Lopes Rosa, José Guerreiro da Ponte Junior, Antonio Guerreiro da Ponte, João Martins, João Ventura, João Martins do Estanco, Manuel Lázaro Guerreiro da Ponte, João do Brito Calçada, Manuel Antonio Viegas Valagão, Francisco Pires Ramalhos, João Viegas Calçada Junior, João Beca, Manuel Viegas Borleira, Manuel Bernardino, José Viegas Fonte Santa, José de Jesus Teixeira, José do Nascimento Britas, Joaquim Dias Rosa e muitos outros de cujos nomes não nos recordamos.

—Chegou-nos á mão um jornal que dizia que o cidadão João Rosa Bealriz estava sendo vitima duma grande perseguição em S. Braz de Alportel. Tem graça! Da *perseguidor* tornou-se *perseguido*! . . . De que lhe serve então o batalhão de voluntarios, com todas as armas ao hombro por estas ruas da *Aldéa*, *rufano* o tambor? Armas que conserva talvez *legalmente* pois que já tem sido requisitadas a todos os outros batalhões, e este as conserva, apezar de terem sido, ha mezes, por duas ou tres vezes reclamadas pelas autoridades superiores. . .

Perseguido, um homem que tem prometido a prisão e o extermínio dum socio do *Centro Democratico* de S. Braz. . . perseguido um homem que tem prometido dar um golpe fatal ao mesmo Centro!

Onde está, então, a sua coragem?

Para um homem se declarar perseguido é necessario não ter sido perseguidor. Não se tem feito perseguições, pode esse tal jornal ficar descaçado. Mas não deixamos de lastimar que tal lembrança houvesse da parte do jornal pois que bem alto temos dito que o perseguidor tem sido o mesmo sr. Bealriz.

Pode servir de prova o que succedeu ha pouco com um nosso consocio e 1.º secretario deste Centro, a quem ele fez transferir para o substituir por um seu compatriota sem motivo, porque o 1.º cabo, Caetano Lourenço, foi sempre, e é, correto e exemplar, cumpridor de todos os seus deveres. Nós protestamos contra semelhante transigencia porque foi injusta e veio ferir-nos.

—Anda por esta freguezia um abaxó as

Sinado contra a Encarregada da estação Telegrafica desta povoação, o qual já conta muitissimas assinaluras, se for justa deverá o sr. Diretor atender a quem reclama, porque naturalmente haverá provas bem evidentes para as afirmações produzidas.

Ainda ha bem pouco tempo, no dia 4 do corrente, veio um telegrama do administrador para o regedor desta freguezia e ainda o mesmo regedor não tinha conhecimento do conteúdo do telegrama, já zombavam do policia n.º 18 que aqui se encontrava. Quem espalhou tal noticia não sabemos, mas sabemos que deve existir um perfeito sigillio na estação.

Na noite de 13 para 14 do corrente uns engraçados que se dizem o modelo da ordem percorreram as ruas desta Aldeia atirando bombas á cara dos transeuntes, que com dificuldade podiam defender os olhos dos pedaços de fios ou do envolturo que saltasse das mesmas. Um grupo composto de 3 ou 4 dos martirizados vendo que os bombistas não descançavam e não desistiam da asneira, entenderam que deviam pagar-lhes o trabalho, deixando o tal perseguido capaz de arranjar algodão para curar as feridas causadas pelo... molim de marmeleiro.

Foi muito bem feito por ser lão amigo da ordem... Era bom que o sr. administrador do concelho proibisse este abuso.

Foi a sen pedido emitido, não ha duvida, a Comissão Municipal de Faro, pelo digno governador civil.

Bom seria que S. Ex.ª demittisse tambem a comissão parochial administrativa desta freguezia, que só está causando transtorno e embaraços a muitos cidadãos que carecem de documentos assinados pelos membros desta comissão.

Só exista um efetivo e este, ha poucos dias, declarou a um individuo que precisou de sua assinatura—que fesse ao patrão do rapaz que assassinou—em virtude do patrão não ser pessoa bonita para ele.

Pede-se ao sr. governador civil a imediata demissão desta comissão da qual dois membros já a pediram por officio a S. Ex.ª.

O EXTRATO HEROICO

não é mais que um extrato fluido d'uma planta de origem exotica d'um notavel poder ANTI-ANOREXICO, EUPEPTICO, HEMOSTATICO e TONICO.

Ensaiado na clinica particular e hospitalar por medicos portuguezes, em virtude dos resultados colhidos apressaram-se estes a confessar estar-se de facto em presença d'um poderoso agente therapéutico, d'um verdadeiro medicamento heroico, sendo inegualaveis os seus efeitos na

ANEMIA, na PRETUBERCULOSE e na TUBERCULOSE, no LINFATISMO

e em geral em todas as

DOENÇAS DEBELITANTES

Nas tuberculosos pulmonares (em grau adiantado o uso persistente do EXTRATO HEROICO é d'uma efficacia que surprehende fazendo desaparecer a

TOSSE, os SUORES NOCTURNOS os ESCARROS HEMOPTOICOS, CREANDO APETITE, LEVANTANDO AS FORÇAS e detendo a INVASÃO BACILLAR.

E' isto o que afirmam medicos e doentes de cuja idoneidade se não pode duvidar.

Pedir attestados a

DAVITA LIMITADA

21, Rua do Alecrim

LISBOA

São depositarios no Algarve os srs. Bandeira & Ramos, Farmaceuticos

- FARO -

DIA HISTORICO

Junho

22.—1327—Morte de Machiavel.—1812—Napoleão I derrota guerra á Russia.—1828—Restauração do governo constitucional em Angra do Heroísmo.—1830—Nasce em Lisboa o dr. Ramiro Guedes.—1912—N. Ajuda (Lisboa) descobre-se um complot monarchico e estuam-se varios presos.

23.—1811—Combate de Campo Maior.—1828—D. Miguel e reconhecido legitimo rei de Portugal pelas Tres Escladas do reino.—1831—Desembarque na ilha do Faial.—1832—Parte da ilha Terceira para o metropolo e exercito libertador comandado por D. Pedro IV.—1833—Nasce Francisco de Almeida Grandela.—1911—Grande manifestação em honra do dr. Afonso Costa.—1912—O general Carvalho deixa o comando da 1.ª divisão militar.

24.—1281—Casamento de rei D. Dinis com D. Isabel de Aragão.—1511—Morte de D. Pedro de Alvarado, um dos principaes logares tenentes de Fernando Cortez e conquistador da America Central.—1578—Partida de D. Sebastião para a Africa, onde morre com a maior parte da nobreza e milicia de Portugal.—1824—Pronunciamento em Lisboa.—1830—Nasce Clemencia Royer.—1833.—Entram em Lisboa as forças liberes.—1856—São declarados livres os filhos de escravos nascidos em territorio portuguez.—1912—Inicia-se o lenã das joias da fidejda rainha D. Maria Pia, para pagamento aos seus credores.

25.—1140—Batalla de Valvez, em que o rei de León e desbaratado por D. Alonso Henriques.—1760—Instituição da Intendencia geral de policia em Portugal.—1783—São decapitados Barbaux e André Chénier.—1801—Jorge Cadoudal, que ateuara contra a villa de Napoleão I, é guilhotinado em Paris.—1813—Combate de Tolosa.—1908—O deputado Afonso Costa apresenta na camera na projecto de lei sobre a liberdade de imprensa, restabelecendo a lei de 1866, sobre a lei do excepto de

13 de Fevereiro de 1896 e sobre a abolição das ordens e congregações religiosas existentes em Portugal.

CARTEIRA

Fazem anos:

Amãã, 26.—D. Izaura Grade Galado, D. Luiz Mendes Forte, D. Lucinda Moraes Costa, D. Maria Adelaide Sarreira, D. Amalia Augusta de Mendonça, José Antonio da Costa, Alfredo de Samora Barros, Augusto Moreira Junior e Pedro da Silva Antunes.

Sexta, 27.—D. Maria Angelica dos Santos, D. Antonia Francisca Madeira, D. Violante das Dores Sanguineta, D. Raquel de Meudoga o Silva, D. Deolinda Violante Brito, José Alfredo Brito, Antonio Alberto de Sousa Mendes, Alvaro Jose Batista, Joaquim Pedro Ferreira e a menina Maria Henriqueta Aires de Sousa e o menino Renato Seratuu de Assis.

Sabado, 28.—D. Luiza Mendes Brito, D. Maria Elvira Ribeiro, D. Francisca Lucinda Cruz, D. Joana Antonia Soares, D. Augusta Anacleto Flores, conselheiro Alvaro Ferreira, José Frederico Guilherme de Almeida Azez, prior Romão Antonio Vaz, Joaquim Mendes da Cunha, Alvaro João Alves, José Joaquim Gravado e Venancio da Silva Pares.

Casamentos:

No logar da Lapa, Tavira, realizou-se o casamento do 2.º sargento de infantaria, sr. Manuel dos Martires Coelho com a sr.ª D. Maria de Sousa Faria.

Doentes:

Tem sofrido um grave ataque de albumina um fihinho do nosso particular amigo, sr. Aires de Sousa, digno commandante da Escola do Aluozs Marinheiros Duque de Palmela.

Necrologia:

Faleceu em Lisboa o importante proprietario José Maria

FABRICA INDUSTRIAL 1.º DE MAIO

SERRALHARIA MECANICA E CIVIL
FUNDIÇÃO DE FERRO E BRONZE

DE

MANOEL CARVALHO

RUA INFANTE D. HENRIQUE, 100

-FARO-

Construção de poços Artesianos—Vendem-se materias para os mesmos

Esta casa, que é no genero a primeira da provincia do Algarve, encarrega-se de todos os trabalhos mecanicos e civis.

Constroem-se engenhos de noras de todas as qualidades, com a maior ligeireza, solidez e perfeição.

Fazem-se charruas de todos os tamanhos, maquinas de debulhar milho, colunas, tubaria e todos os utensilios agricolas.

Ninguem deixe de comprar nesta casa, visto que em parte alguma do paiz se fabricam e vendem estes generos em melhores condições.

PREÇOS SEM COMPETENCIA

Ninguem compre sem primeiro visitar esta importante fabrica

dos Santos, cuja fortuna é avaliada em 20.000 contos, o que era considerado o maior viuctor do mundo.

Tambem fizeu na capital o senador Carlos Calisto, nosso velho amigo e camara da imprensa Minerva no partido unitarista, era um republicano convicto e um lido carater.

Faleceu em Bejuqueim o sr. Joaquim Dias, importante proprietario do sitio dos Milhadaes.

Foi muito conciliado o funeral do sr. dr. Francisco José de Sousa Cintra, recentemente eleito em Lagos.

Tambem foi muito concorrido o funeral do sr. João Figueiras de Almeida, natural de Loulé e estado de infantaria 4.ª quattrão em Tavira.

No cortejo incorporaram-se todos os musicos e uma loraça de 40 praças.

Realizou-se com grande acompanhamento, na Mina de S. Domingos, o funeral do sr. Francisco Palma Peres, ali pertencente Louquã.

VENDE-SE uma casa nobre, na rua de S. Luiz, n.º 10. Quem pretender dirija-se á proprietaria, que mora na mesma casa.

EDITAL

Feliciano Santos, bacharel formado em direito e administrador interino do concelho de Faro.

Faço saber que nesta Administração do Concelho foi requerida licença por João Cyriaco Goinhos, residente nesta cidade de Faro, com procuração bastante da firma O Herold & Comp.ª, que pretendendo estabelecer um deposito de estrumes artificiaes (adubos quimicos) numa porção de terreno que a mesma companhia tomou de arrendamento a D. Maria Luiza Hichling Pereira da Silva de Bivar, situado nos Ferreiros, freguezia de S. Pedro da referida cidade, confrontando ao norte e nascente com a referida proprietaria, sul com os poços do caminho de ferro do Sul e Sueste, e achando-se este estabelecimento incluído na 1.ª classe da tabela anexa ao decreto de 21 de outubro de 1863, com a designação de cheiro desagradevel e emanações insalubres, pelo que, em conformidade com o art.º 6.º do citado decreto, são convidadas as autoridades publicas, os chefes e gerentes de quaesquer estabelecimentos e todas as pessoas interessadas a reclamar por escrito, no prazo de 30 dias, a contar da data da afixação, perante mim, qualquer motivo legal de opposição que tenham contra a concessão da licença requerida.

E para constar, nos termos do citado decreto, foi este e outro de igual teor, afixados nos logares designados na Lei.

Faro, 19 de Junho de 1913.

Feliciano Santos

Está conforme, Administração do Concelho de Faro, 19 de Junho de 1913.

O amanuense servindo de secretario, Joaquim de Sousa Dias.

PENSIONATO

das LARANJEIRAS

Para a educação feminina

Escola Menegere

Educação para a vida pratica.

Higiene. Vida de ar livre.

Estrada das Laranjeiras, 98

LISBOA

Para alunas internas, semi-internas e 20 externas

DIRECTORA

M.ª MIRANDA VIANNA

Este collegio é destinado á educação de meninas, segundo os preceitos das escolas Menegeres estrangeiras.

Situa-se junto da paragem dos carros de Sete Rios (Benfica), numa casa ampla, com magnificos jardins e em sitio desalrontado, ele reúne todos os requisitos da salubridade e hygienia.

Ministra os cursos de

Instrução Primaria

(Aula infantil e trabalhos manuaes educativos)

Francês—Inglês—Alemão Corte—Cultura e Economia domestica

Higiene, enfermagem, medicina casaria

Preços (sem extraordinarios):

Internato 18.000 rs.

Semi-internato 15.000 rs.

Externato (qualquer dos cursos do collegio, com pratica de jogos não incluindo os chamados cursos de retorno) 7.000 rs.

N. B.—O collegio financa um magnifico tennis, críquet, etc.

As alunas praticam a direção de casa, e tem jogos e recreio de ar livre.—Para mais indicações pedir o prospecto illustrado.

MOBILIA

de sala em bom estado, vende-se completa por preço muito reduzido na Rua João Tomaz da Costa.

Para esclarecimentos dirigir-se a Vitor Ilharco, Vacuum Oil Company.—FARO.

Enxofre para vinhas, qualidade garantida, em sacas de 45 quilos, vende Elias d'A. Sabath—FARO

AMA

Precisa-se na Rua de Santo Antonio n.º 97 1.º—FARO

ALFAIATERIA PARTICULAR

Fatos por medida, para todos os preços e pelos ultimos figurinos, confeccionam-se na rua Infante D. Henrique, 204, Faro



